

## Estudos da Língua(gem)

### **Lheísmo no Português de Moçambique**

Lheism in the Portuguese of Mozambique

Lheism en portugués de Mozambique

**Beatriz Damaciano Paulo Chalucane**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

**Renato Miguel Basso**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

#### **RESUMO**

Investigamos como falantes moçambicanos de Português usam os pronomes átonos que refletem o complemento direto e indireto, sem terem em conta a subcategorização do verbo. Desenvolvemos um estudo etnográfico de caso múltiplo, com alunos da 12ª classe da Escola Secundária Samora Moisés Machel (zona urbana) e da Escola Secundária do Dondo (zona periurbana), recorrendo aos métodos indutivo e comparativo. Os instrumentos de recolha de dados foram a observação direta (registo de ocorrências nos discursos falados) e o inquérito por questionário. Os resultados obtidos indicam que há influência da estrutura das Línguas Bantu na realização da Língua Portuguesa, em Moçambique. Nossos resultados permitem compreender que, neste caso em particular, a influência das Línguas Bantu se manifesta da seguinte forma: os alunos associam o pronome *lhe* a sintagmas nominais referentes a pessoas, independentemente de

\* Este trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida com o apoio do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CNPQ – Brasil e da Universidade Federal de São Carlos.

\*\* Sobre os autores, ver página 116.

<b>Estudos da Língua(gem)</b>	Vitória da Conquista	v. 17, n. 3	p. 97-108	Jul-set de 2019
-------------------------------	----------------------	-------------	-----------	-----------------

DOI: 10.22481/el.v17i3.5851

ISSN versão online: 1982-0534



This work is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

desempenharem a função de objeto direto ou indireto, e o pronome *o* a objetos com traços [-humanos].

**PALAVRAS-CHAVES:** *Língua bantu; Lheísmo; Português de Moçambique; Português Europeu; Pronominalização.*

#### **ABSTRACT**

*We investigate how Mozambican Portuguese speakers use the unstressed pronouns that represents direct and indirect complement, regardless of the subcategorization of the verb. We developed a multiple case ethnographic study with 12th grade students from Samora Moisés Machel Secondary School (urban area) and Dondo Secondary School (periurban area) using inductive and comparative methods. The data collection instruments were direct observation (recording of occurrences of spoken speeches) and a questionnaire survey. Our results indicate that there is influence of the structure of Bantu Languages in the Portuguese Language spoken in Mozambique. Our results allow us to affirm that, in this particular case, the influence of Bantu Languages is manifested as follows: students associate the pronoun *lhe* with noun phrases referring to humans, regardless of whether they perform the function of direct or indirect object, and the pronoun *o* with non-human objects [-human].*

**KEYWORDS:** *Bantu languages; Lheism; Portuguese of Mozambique; European Portuguese; Pronominalization.*

#### **RESUMEN**

*Investigamos cómo los hablantes de portugués de Moçambique usan los pronombres átonos que expresan el complemento directo e indirecto, independientemente de la subcategorización del verbo. Desarrollamos un estudio etnográfico de casos múltiples con estudiantes de 12º grado de la Escuela Secundaria Samora Moisés Machel (área urbana) y la Escuela Secundaria Dondo (área periurbana) utilizando métodos inductivos y comparativos. Los instrumentos de recolección de datos fueron la observación directa (registro de ocurrencias en los discursos hablados) y la encuesta del cuestionario. Los resultados obtenidos indican que hay influencia de la estructura de las lenguas bantú en la realización de la lengua portuguesa, en Moçambique. Nuestros resultados nos permiten comprender que, en este caso particular, la influencia de las lenguas bantú se manifiesta de la siguiente manera: los estudiantes asocian el pronombre *lhe* con frases sustantivas que se refieren a personas, independientemente de si realizan la función de objeto directo o indirecto, y el pronombre *o* a objetos con traços [-humanos].*

**PALABRAS-CLAVE:** *Lenguas bantúes; Lheism; Portugués de Moçambique; Portugués europeo; Pronominalización.*

## **1 Introdução**

Moçambique é um país multilíngue e multiétnico que foi colonizado por Portugal, país que tem a Língua Portuguesa (LP) como principal veículo de comunicação. Durante o período em que Moçambique foi colônia desse país

Europeu (de 1884/5<sup>1</sup> a 1975), a LP foi tida como língua usada no ensino, nas instituições e nos meios de comunicação. Após a independência de Moçambique, o governo definiu a LP como única língua oficialmente aceita, porém ela é a segunda língua (L2) da maior parte dos moçambicanos, e é falada como língua materna apenas por 10.7%<sup>2</sup> da população do país. Moçambique, no entanto, possui um grande número de línguas, pertencentes a várias famílias linguísticas, e entre elas é importante destacar as Línguas Bantu (LB), que contam, em Moçambique, cerca de vinte e uma. Por conta disso, o contato de LB com a LP esteve na gênese de uma variedade do Português, que, neste trabalho, designamos de Português de Moçambique (PM).

Como é de se esperar, essa variedade adquire formas e manifestações próprias, distinguindo-se das demais; algumas formas de manifestação do PM, escrito e falado, são encaradas como desvio da norma da LP (na variedade europeia), outras como expressão, às vezes espontânea, da criatividade dos falantes, e como expansão da língua. Um exemplo dos assim-chamados desvios encontrados no PM estão de acordo com as normas preconizadas pelo português padrão é o fenômeno conhecido como *lbeísmo*, ou seja, a substituição do pronome pessoal do complemento direto *o(s)/a(s)* (ou indireto) pelo pronome *lbe(s)*, como ilustram os exemplos abaixo, retirados de Gonçalves (2011):

“Quais as últimas notícias que mais *lbe* impressionaram?”  
(Notícias, 1988)

“Um presumível miliciano pretendia *lbe* assaltar.”  
(Notícias, 1991)

“Ficaram aborrecidos e prenderam-*lbe*.” (Estudante universitário, 1990, dados orais)

“Voltou com o bebé para a casa dos avós pois o marido *lbe* maltratava.” (Notícias, 2011)

“Com uma linguagem simples, ajudamos-*lbe* a transformar os seus investimentos.” (Savana, 2011)

“Mondlane ajudou-*lbes* a restabelecerem-se em França.”  
(Domingo, 1989)

“Dominei-*lbe* apoderando-me da arma.” (Notícias, 1990)

“Mandaram-*lbe* para a Namaacha.” (Estudante universitário, 1990, dados orais)

No presente artigo, nosso objetivo é justamente investigar o fenômeno do *lbeísmo* através da aplicação de questionários linguísticos a estudantes da 12<sup>a</sup> classe<sup>3</sup>, finalistas do ensino médio, da Escola Secundária Samora Moisés Machel (no centro da cidade da Beira<sup>4</sup>) e da Escola Secundária do Dondo<sup>5</sup> (situada

<sup>1</sup> Quando, na conferência de Berlim, Portugal foi forçado a ocupar efetivamente todo o território moçambicano.

<sup>2</sup> Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, publicados pelo Ministério da Educação de Moçambique, em 2010, que são os dados mais recentes disponíveis.

<sup>3</sup> A idade esperada para um aluno do último ano do ensino médio é 17 anos; porém, os nossos inquiridos tem de 16-22 anos, e somente 37 dos 90 alunos entrevistados têm 17 anos.

<sup>4</sup> Beira é a capital de Sofala, que é uma província localizada no centro de Moçambique.

<sup>5</sup> Dondo é um distrito da província de Sofala.

numa zona periurbana/rural da Província de Sofala) – a figura 1, abaixo, traz o mapa político de Moçambique, para facilidade de identificação das regiões.

Figura 1: Mapa de Moçambique, suas províncias e respectivas capitais



Fonte: <http://photos1.blogger.com/blogger/6380/1929/1600/mapa%20mocambique.1.gif>

Trata-se, portanto, de uma pesquisa linguístico-etnográfica na qual analisamos e discutimos dados recolhidos no campo de pesquisa relativo ao *lheísmo* nos falantes moçambicanos de português, comparando dados de uma escola urbana e uma mais periférica.

A estrutura deste artigo é a seguinte: na seção 1, discorremos sobre língua e variedade linguística, sem deixar de fazer menção a língua materna e língua segunda envolvidas no contexto moçambicano, posteriormente, na seção 2, discutimos o ponto fulcral do artigo, o *lheísmo*, já na seção 3 trazemos a regência e subcategorização dos verbos discutidos, tanto segundo a norma europeia adotada em Moçambique, como de acordo com algumas línguas bantu. Na última parte, a 4, confrontamos os resultados obtidos na pesquisa. Finalmente, temos as considerações finais.

## 2 Língua e Variedade Linguística

Parafraseando Cunha e Cintra (2005, p. 1), através da língua utilizamos socialmente a faculdade da linguagem, expressão coletiva da percepção do

mundo em que a língua está inserida. É importante realçar que essa expressão evolui em paralelo com o seu organismo social criador.

Por meio da língua, os seres humanos expressam a sua forma de pensar, pelo que podemos afirmar que as línguas "... são o melhor espelho da mente humana" (Leibniz apud Chomsky, 1994); elas expressam a cultura e o meio em que o ser humano está inserido. A língua apresenta-se não só como uma forma de interação entre os homens, mas também como uma forma de expressão da identidade sociocultural. Porém, ela não se torna somente o espelho específico da mente, mas sim de uma sociedade com traços linguísticos similares, indo assim, ao encontro da visão de Bloomfield, de acordo com Chomsky (1994, p. 24), em que se abona que a língua é a "totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade linguística considerada homogênea".

Uma comunidade linguística tende a ser homogênea, entretanto, a língua não, visto que ela varia de acordo com diversos fatores, tais como geográficos, sociais, situacionais e históricos, e essa variação é, na verdade, uma manifestação da vitalidade da própria língua, e um dos principais temas de estudo da Sociolinguística. Assim, quando afirmamos que a LP é língua oficial em diferentes países, estamos, assim, a fazer referência à variação diatópica<sup>6</sup>, ou seja, aos fatores geográficos que podem estar por trás da utilização de diferentes variantes linguísticas. A variação diastrática<sup>7</sup> refere-se ao uso da língua por grupos sociais distintos, tendo em conta condicionantes como a escolaridade dos usuários, a etnia, o sexo, a idade, a profissão. Os graus de formalidade, tanto na escrita quanto na oralidade, determinam o que designamos por variação diafásica. O tempo é também um influenciador na variação linguística, pois a língua evolui ao longo dos tempos, o que se consubstancia na variação diacrónica.

Podemos dizer, por um lado, que o nosso trabalho articula-se com a variação diatópica, pois analisamos uma variedade<sup>8</sup>, que é o PM, como resultado, entre outros fatores, da convivência do português europeu (PE), trazido pelo colonizador, com línguas endógenas de Moçambique, ensejando assim diversos fenômenos, em particular para a nossa investigação, o *lbeísmo*. É também interessante notar, por outro lado, que o *lbeísmo* é um fenômeno superficialmente morfossintático, pois é indicado pela escolha (ou presença) de uma certa forma (i.e., 'lhe') num lugar em que esperaríamos outra ('o', 'a', 'os', 'as'), que tem um condicionamento semântico-cognitivo, pois ele somente acontece quando temos referentes animados envolvidos. O *lbeísmo* é certamente resultado de contato linguístico e tem como suas bases a estrutura conceitual associada a cada língua – de um lado, o PE, que, em geral, não faz distinção para os pronomes do caso acusativo ou dativo entre os referentes serem animados ou não, e línguas autóctones de Moçambique, notadamente as LB, para as quais a distinção de animacidade é fundamental no estabelecimento de distinções gramaticais.

<sup>6</sup> Quando há uso de uma língua em diferentes regiões.

<sup>7</sup> Exemplo: A gíria e o jargão.

<sup>8</sup> As variedades, sob o nosso ponto de vista, são uma evolução, são ricas, isto é, detentoras de marcas indeléveis, refletoras e reveladoras da vitalidade da Língua Portuguesa.

Dado que o PM é resultado majoritário de aprendizagem de uma segunda língua, é interessante fazermos algumas observações sobre a diferença entre língua materna e segunda língua.

Dias et l. (2009, p. 17) apresentam a *Hipótese de Ellis* (1994) em que se afirma que o processo de aquisição de uma segunda língua é ordenado e sequencial, e o domínio de certa estrutura na segunda língua implica a passagem por várias estruturas de transição. Nos períodos de transição, os aprendizes usam uma certa estrutura de forma regular e sistemática, e assim, normalmente passam de uma estrutura transitória para a outra até atingirem o domínio completo das regras da língua alvo (LA). No entanto, por vezes, esses sistemas fossilizam-se e permanecem para sempre intermediários entre a língua materna e a segunda língua, quando o aprendiz não avança para etapas posteriores de domínio da segunda língua. Essa hipótese justifica as influências fossilizadas de uma língua em outra. O falante que está a aprender uma L2, numa fase inicial desse processo, tenta relacionar, mesmo que inconscientemente, formas da língua que ele domina, isto é, a língua materna, com formas da segunda língua, generalizando-as de modo que as estruturas da língua materna integrem a sua segunda língua. Isso acontece porque ele já tem enraizado a língua materna e, na generalização do que está aprendendo, usa as formas ou estruturas da língua dominada de forma irrefletida.

### 3 Lheísmo

De acordo com Houaiss (2003, p. 2269), designa-se “*lheísmo* ao fenómeno linguístico que ocorre em alguns dialetos do português do Brasil, de Angola e de Moçambique, em que se substitui por *lhe(s)* os pronomes *o(s)*, *a(s)*, na função de objeto direto”.

Na definição apresentada encontramos dois termos chaves para nossa investigação: fenómeno linguístico e dialetos do Português. O fenómeno linguístico em causa refere-se à substituição de um pronome por outro. O pronome *lhe* reflete o objeto indireto (OI), mas, no fenómeno em estudo, vai refletir também o objeto direto (OD). Podemos dizer que estamos diante de um encolhimento dos usos dos pronomes *o/os/a/as*, que cumprem as funções de OD, e um alargamento dos usos do pronome *lhe*, que passa a cumprir as duas funções.

Na mesma linha de pensamento, Nascentes (1960, p. 108-113) anui que *lheísmo* é o emprego equivalente do pronome *lhe* e *o/a* refletindo o complemento direto. Para esse autor, que se centra no fenómeno no Português do Brasil, esse emprego é uma manifestação da evolução natural da variedade brasileira da língua, tornando o *lheísmo* um fato consumado e em expansão. Assim, no Português do Brasil, a substituição do pronome *o/a* por *lhe* é um fato aceito como normativo e não desviante. Para Nascentes (1960), não há que fazer grandes observações analógicas nas distinções de *lhe* e *o*, pois há um carácter criativo expansivo, que é marginalizado pela norma, visto que a norma ignora a evolução criativa da língua nos seus contextos verídicos. A invalidade desse fato deve-se à “mentalidade retrógada e ultraconservadora dos gramáticos” (p. 108).

Com relação à definição de *lheísmo* dada pelo dicionário Houaiss, e que é comumente empregada, e às ponderações de Nascentes (1960), há duas observações que importantes a serem feitas.

A criatividade referida por Nascentes (1960) é aplicável ao contexto brasileiro, mas não ainda ao contexto moçambicano, pois, embora a língua varie em contextos sociais, geográficos e históricos, adquirindo características específicas e demonstrando valorizações culturais, acréscimos significativos para uma variedade em frequente uso, há regras que regem o funcionamento de uma língua, e, uma vez adotada uma determinada norma, as regras que *lhe* estão subjacentes devem ser respeitadas. Na norma europeia, o pronome *o/a* reflete o complemento direto e o pronome *lhe* reflete o complemento indireto, e, adotando-se, em Moçambique, esta norma, seria desejável, do ponto de vista da norma da língua culta e de uma perspectiva normativista, que se seguissem as mesmas normas, neste caso em particular no que diz respeito ao uso dos pronomes pessoais do complemento direto e indireto. A inversão ou mudança do preconizado pela norma europeia é tida simplesmente como um desvio a ser corrigido ou evitado, por isso o *lheísmo* em Moçambique não é visto como uma inovação, ou não é visto com bons olhos.

É importante deixar claro que, em Moçambique, as variantes como a capital, Maputo, são ainda entendidas como um erro ou até mesmo um desvio à norma, enquanto estes mesmos falantes críticos não têm contato com a norma padrão (Português Europeu padrão) mas apenas com a LP falada em Moçambique. Tal situação é diferente daquela que acontece no Brasil, em que temos uma variante do português aceita como padrão de acordo com o contexto em que é usado, estamos a falar do Português do Brasil, que por sua vez tem variações regionais como a do Rio de Janeiro e a de São Paulo, tidas como variantes padrões do Português Brasileiro. As variações regionais do Português falado em Moçambique (português não uniformizado) são marginalizadas assim como a própria variedade moçambicana do Português; tal fato é uma das grandes distinções entre o português falado em Moçambique e o falado no Brasil (SILVA, p. 1991).

Voltando à definição de *lheísmo* apresentada acima, devemos salientar que ela se refere simplesmente à substituição do ‘o’ por ‘lhe’. Contudo, a realidade mostra essa substituição não é arbitrária, como poderíamos esperar, e, ao lado de fatores como “hipercorreção”, encontramos o traço de animacidade do referente dos pronomes como um fator importante para que ocorra a presença de ‘lhe’. Assim sendo, esse fenômeno ocorre geralmente em contextos em que o sintagma nominal (SN) substituído tem traços [+humanos] (GONÇALVES, 2011, p. 2013).

Podemos entender o *lheísmo* como uma mudança linguística influenciada por fatores sociolinguísticos e socioculturais, que integra uma nova variedade da língua portuguesa, que é o PM. Tal fenômeno, que é a escolha de uma variante (i.e., ‘lhe’ ao invés de ‘o’, por exemplo) de uma variável (i.e., a realização de pronome anafórica em posição de objeto direto e indireto), nos termos da sociolinguística, pode ser descrito tanto por condicionadores internos quanto externos. E é a esses condicionadores e sua análise que passemos na sequência, começando com os internos.

#### **4 Regência e subcategorização dos verbos investigados em PM**

Em teoria gramatical tradicional, é comum dividirmos os verbos em transitivos e intransitivos. Os intransitivos, como ‘chegar’, não pressupõem a existência de um complemento (direto ou indireto), porém podem aparecer acompanhados por adjuntos adverbiais. Os verbos transitivos, por sua vez, exigem complementos, que podem ser complementos diretos, sendo assim verbos transitivos diretos, ou complementos indiretos, no caso dos verbos transitivos indiretos.

Fonseca (1993, p. 33) afirma que “... o complemento objecto directo (CD) surge como *affectum (paciente)*, como *effectum (efeito, resultado)* ou como mero *pólo de aplicação* do processo que eles denotam – em qualquer dos casos como termo por eles *co-significado*.”

O OD é regido directamente pelo verbo. Quando temos um verbo transitivo directo, o sintagma verbal (SV) projetará um Sintagma Nominal (SN). De acordo com Campos e Xavier (1991, p. 57) “Este SN, adjacente ao verbo que o selecciona, é o **SN dominado imediatamente pelo nó SV**, um constituinte imediato de SV, isto é, ele é estruturalmente o SN de SV, ou [SN,SV], e é **regido directamente** pelo verbo...”, designando-se assim de OD.

Ainda segundo Campos e Xavier (1991, p. 57-58), classificamos um verbo como transitivo indirecto quando o complemento regido é preposicional, ou seja, quando é OI<sup>9</sup>.

O objecto indirecto não se encontra basicamente adjacente ao verbo que o selecciona [...], o objecto indirecto é um segundo objecto seleccionado pelo verbo, que cria uma outra posição de SN [...] o segundo objecto de um verbo é sempre precedido imediatamente por uma preposição. É, portanto, representado com um **Sintagma Preposicional (SP)** [...] a realização de um objecto indirecto não implica necessariamente a existência de um objecto directo (CAMPOS; XAVIER. 1991, p. 57-58).

Embora o OI seja, na perspectiva de Campos e Xavier (idem), o segundo objeto selecionado pelo verbo, importa salientar que há verbos transitivos que selecionam apenas um objecto que é o indirecto<sup>10</sup>, ocorrendo assim o acréscimo de um segundo objecto somente quando o verbo rege dois complementos. Sem deixar de lado que a estrutura V-OD-OI<sup>11</sup>, se pode inverter e ficar V-OI-OD<sup>12</sup>, “O OI é colocado antes do OD, significando isto que o primeiro constituinte é portador de menor densidade de conteúdo (DC) que o segundo” (LOPES, 2004, p. 186).

Nesta perspectiva o detentor de maior densidade informacional deve estar numa posição secundária, sendo as duas formas válidas para o Português. O pronome que cogita uma preposição é o *lhe(s)*, pois “O OI tem de ser substituído por um objecto preposicional” (ibidem,185), significa isto que, na

<sup>9</sup> O OI só não vem preposicionado quando substituído pelos pronomes pessoais oblíquos: me, te, se, nos, vos.

<sup>10</sup> Exemplo: Obedeci às ordens do chefe.

<sup>11</sup> Exemplo: Ofereci uma camisa ao João.

<sup>12</sup> Exemplo: Ofereci ao João uma camisa.



pronominalização do OD, o pronome usado deve ser *o(s)/a(s)*, pois são estes que substituem um objecto não preposicional. Importa salientar que os complementos nominais regidos de preposições como *em, contra, de, por*, entre outras, não são transmudados em clíticos, visto que só este último, *por*, assume a posição de OD e OI.

A regência verbal não é rígida relativamente ao número de regências e ao tipo de regência (nominal ou preposicional), e ela pode variar de acordo com o contexto em que está inserida, pelo que podemos ter algumas dissemelhanças, como por exemplo:

- a) Quando há variação do significado do verbo, pode haver variação da regência, por exemplo, o verbo ‘aspirar’, quando significa almejar<sup>13</sup> vem preposicionado, já quando significa inalar<sup>14</sup> aparece sem preposição;
- b) O verbo pode ter a mesma interpretação, porém mais de uma regência, como é o caso do verbo ‘amar’<sup>15</sup>;
- c) Há, ainda, os verbos que mudam de significação sem alterar sua regência, é o caso do verbo ‘visar’, que pode significar “pôr visto em<sup>16</sup>” ou “dirigir-se a<sup>17</sup>”, mas com mesma regência.

Na sequência apresentamos, de forma resumida, a regência de alguns verbos do português moçambicano que investigamos, e seus equivalentes em três línguas Bantu, Nda, Sena e Changana.

A tabela 1 traz os verbos do PM que investigamos, com suas restrições de subcategorização e suas possibilidades de alternância com relação à sua regência:

**Tabela 1.** Subcategorização e Regência dos Verbos em Estudo na LP

Verbos	Subcategorização	Transitividade
Ajudar <sub>(v)</sub>	[-SN]; [-SP]	Direto; Indireto <sup>18</sup>
Conservar <sub>(v)</sub>	[-SN]	Direto
Convidar <sub>(v)</sub>	[-SN]	Direto
Ler <sub>(v)</sub>	[-SN]	Direto
Matar <sub>(v)</sub>	[-SN]	Direto
Pedir <sub>(v)</sub>	[-SN, SP]	Direto e indireto
Tirar <sub>(v)</sub>	[-SN]	Direto
Ver <sub>(v)</sub>	[SN]	Direto

Na tabela 1, acima, que representa o uso corrente do PM, temos, majoritariamente, verbos que, quanto à sua transitividade são diretos, subcategorizando, assim, um SN. Apenas um verbo, que é ‘pedir’, é transitivo

<sup>13</sup> Exemplo: A Ana aspira ao cargo de monitora.

<sup>14</sup> Exemplo: O João inala ar puro.

<sup>15</sup> Eu amo o Paulo; e Eu amo a Deus.

<sup>16</sup> A instituição visou os documentos.

<sup>17</sup> As cartas visavam personalidades diferentes.

<sup>18</sup> Em algumas circunstâncias. Exemplo: Ajudei na melhoria da via pública.

direto e indireto, podendo ser pronominalizado, também, por 'lhe'. O verbo 'ajudar' possibilita a existência de um OI, porém esse OI não pode ser pronominalizado, como já notamos anteriormente. Seleccionamos, especificamente, os verbos acima referidos pelo fato de alguns deles subcategorizarem um SN com traços [+ humano] e outros [-humano], e de um <sup>19</sup>deles ser transitivo direto e indireto. A razão dessa seleção deveu-se, também, ao fato de muitos alunos confundirem a regência verbal dos verbos escolhidos, fato que constatamos na gravação por nós feita.

Vejam agora, na tabela 2, abaixo, como esses mesmos verbos podem ser analisados em algumas LB, notadamente, Ndau, Sena e Changana:

**Tabela 2.** Subcategorização e Regência dos Verbos em Estudos nas LB

Verbos	Línguas		
	Ndau	Sena	Changana
Ajudar	Kubesa	Kuphedza	Kupfuna
Conservar	Kuviga	Kukoya	Kutibikisa
Convidar	Kukoka	Kuthemereça	Kurhamba
Ler	Kuverenga	Kuwerenga	Kulera
Matar	Kulaia	Kupha	Kudlaya
Pedir	Kukumbira	Kuphembra	Kukombela
Tirar	Kuvisa	Kuphussa	Kusussa
Ver	Kuvona	Kuona	Kuvhona

Essas designações em LB são importantes, visto que nos ajudam a perceber como se manifestam estas línguas e traçar relações com a LP. Como o PM e as LB estudadas pertencem a famílias linguísticas distintas, é importante traçarmos algumas observações sobre as diferentes entre elas que têm impacto em nossa investigação. É o que fazemos na subseção abaixo.

#### 4.1 Subcategorização e regência das LB

A subcategorização e a regência verbal entre as LB investigadas são semelhantes entre elas, e encontramos o mesmo prefixo verbal, 'ku-'. Em geral, as LB não apresentam, a nível sintático, artigos nem preposições, o que faz com que apresentem como regência uma transitividade direta, pelo fato de selecionarem imediatamente um SN, sem o aparecimento prioritário de um SP nos contextos que essa estrutura é exigida pela LP. Já a nível semântico e pragmático, o SP/OI está inserido, pois, encontramos verbos com dois argumentos internos, em que um é pedido diretamente pelo verbo e o segundo é pedido indiretamente. Um exemplo claro é o caso do verbo dar, como aparece mais abaixo em 1 (a), em que na norma europeia seleciona tanto um OD como um OI introduzidos por artigo e preposição respectivamente, entretanto nas LB aparecem sem artigo, nem preposição.

<sup>19</sup> Pedir.

Os verbos nas LB apresentam uma estrutura morfológica complexa (Ngunga, 2004, Mutaka e Tamanji, 2000, Langa, 2012), sendo possível identificar de 10 a 11 posições<sup>20</sup> dos constituintes internos do verbo, que marcam diversas informações sintático-semânticas, como o sujeito, o tempo, o modo, negação, etc. A marca do objeto, direto ou indireto, (MO) nas LB faz parte da posição pré-radical, que é a quarta posição na estrutura verbal; a esta marca atribui-se, de acordo com Mutaka e Tamanji (2000, p.173 *apud* LANGA 2012, p. 48), a designação de “infixo do objeto”. Os pronomes clíticos são prefixos dependentes (PD) dos verbos, substituídos de acordo com a classe a que pertence o objeto (humano, não humano, concreto, abstrato) que substituem. Vejamos como acontece com um exemplo do Changana<sup>21</sup>:

- (1) A Paulina deu um pão à criança.  
 (a) Polina anyikile pawu xin'wanana<sup>22</sup>.  
 (a') Paulina deu      pão      criança.

Na sentença acima temos um verbo que rege um OD e um OI. Quando pronominalizado o OD, teremos:

- (b) Polina arinyikile xin'wanana.

O objeto 'pawu' pertence à classe 5<sup>23</sup>, portanto sua MO será um prefixo (PREF) da classe 5, neste caso, *ri*.

Quando pronominalizado o OI, supracitado, ele será substituído pelo prefixo da classe a que o OI pertence; na sentença em questão, o OI 'xin'wanana' pertence à classe 7, e por isso é empregado 'xi', que pertence à classe 7. O 'xi' equivale, na norma europeia, ao pronome *lhe*. Assim, obteremos a sentença que se segue:

- (c) Polina axinyikile pawu.  
 (c') Paulina deu-lhe pão.

Um fato interessante é que 'xi' não substitui simplesmente o OI, existem casos em que substitui também o OD, como no exemplo a seguir:

<sup>20</sup> Mutaka e Tamanji, 2000, Meeussen, 1967, *apud* Langa 2012, apresentam tabelas sobre as posições dos constituintes do verbo funcionais nas línguas bantu.

<sup>21</sup> Língua bantu falada na zona sul do país.

<sup>22</sup> A tradução feita em todas frases é nossa.

<sup>23</sup> As línguas bantu possuem cerca de vinte classes nominiais. As classes nominiais são agrupamentos de substantivo consoante ao gênero, número, tamanho, formato, ser vivo ou não, etc.

- (2) O cão perseguiu o gato.  
 (a) Mbazana yihlongole xingove.  
 (b) Mbazana yixingolilé.  
 (b') Cão perseguiu-o.

Nos dados em (2b) o pronome 'xi' substitui o OD, pelo fato do SN/SV [xingove]/ [gato] pertencer à classe 7, classe essa que está associada a traços [+humano<sup>24</sup>], portanto o infixos deve ser da mesma classe que o SN/SV.

Em Sena<sup>25</sup>, o pronome referente ao objeto direto ou indireto vem junto na posição adjacente à esquerda do radical verbal, como acontece no Changana. Apreciemos alguns exemplos em Sena.

- (3) Eu vi o Paulo.  
 (a) Ine ndaona Paulo.  
 (b) Ine ndam'mona.

Em (3) temos um verbo que admite apenas um argumento interno, este argumento ocupa o lugar de OD. Na pronominalização deste OD, como aparece em (3c), temos um PD 'm'- que está adjacente ao verbo.

- (4) Eu dei uma camisa ao Paulo.  
 (a) Ine ndapassa camisa Paulo.  
 (b) Ine ndam'passa camisa.

Numa outra perspectiva, apresentamos um verbo que possui dois argumentos internos, (4), pronominalizando o OI, [o Paulo], temos o mesmo PD que aparece para a pronominalização do OD, como vimos no exemplo (3), 'm'- é um prefixo que substitui tanto o OD como o OI.

A seção abaixo ilustra um experimento que embasa nossa hipótese: por influência das LB no PM, temos o pronome 'lhe' associado a objetos com traços [+humano], independentemente desse objeto ser direto ou indireto, o que reforça a ideia de que o *lheísmo* no PM é certamente resultado do convívio da LP e das LB.

<sup>24</sup> O traço [+humano] refere-se a todos os seres animados, não somente aos humanos.

<sup>25</sup> O Sena é uma língua bantu falada na região centro do país. Os dados por nós explicitados em relação à esta língua são orais, obtidos numa entrevista com diversos falantes nativos desta língua, infelizmente não encontramos bibliografia em torno da língua que nos ajudasse.

## 5 Sujeito e coleta dos dados

Em nossa pesquisa, participarem 90 sujeitos, de duas escolas secundárias (45 alunos da Escola Secundária Samora Moisés Machel, da zona urbana, e 45 alunos da Escola Secundária do Dondo, da zona rural), que cursavam a 12<sup>a</sup> classe do estudo em Moçambique, que é a última do ensino secundário. Os 45 alunos de cada escola pertencem a turmas diferentes, nomeadamente três turmas, o que quer dizer que teremos seis turmas envolvidas neste estudo.

A seleção das turmas não foi aleatória: escolhemos a primeira turma, uma intermédia e a última turma, de modo que consigamos ter uma visão ampla e representativa da escola. Esta visão é proporcionada, também, pela seleção de alunos de faixas etárias distintas. A seleção dos alunos por turma, tendo em conta que as turmas são heterogêneas ao nível da oferta linguística, foi aleatória. Apresentamos a seguir dados dos sujeitos de cada uma das escolas.

### 5.1 O caso dos alunos da Escola Secundária do Dondo

Essa escola localiza-se no distrito do Dondo, na periferia da cidade. Todos os sujeitos vivem no mesmo distrito; 55.6% deles tem uma LB como materna, e o restante, 44.4%, tem a LP. As LB usadas são maioritariamente Ndau e Sena, mas há também o Swahili, Changana, Chope e Xitswa.

**Quadro 1.** Escola Secundária do Dondo

LM	Falantes
Português	20
Ndau	9
Sena	8
Changana	4
Xitswa	2
Swahili	1
Chope	1

A idade dos inquiridos situa-se entre os 17 e os 22 anos. A idade expectável para um aluno nesta classe é 17 anos, pelo que 20 (44%) têm a idade esperada. 30 (66.7%) alunos são do sexo masculino e 15 (33.3%) do sexo feminino.

### 5.2 O caso dos alunos da Escola Secundária Samora Moisés Machel

Essa escola localiza-se no centro da cidade da Beira, todos os inquiridos vivem na mesma cidade. Dos inquiridos, 45 alunos, 21 (46.7%) são do sexo masculino e 24 (53.3%) são do sexo feminino, tendo uma idade

compreendida entre os 16 e os 22 anos, pelo que 17 (38%) inquiridos têm a idade expectável, que é 17 anos.

Encontramos 35 inquiridos (77.8%) que têm a LP como LM, os outros 10 (22.2%) têm uma LB como materna. Embora todos usem, na sala de aulas, a LP, fora desse contexto, manifestam-se as suas LM. As LB destes inquiridos são: Sena, Ndau, Changana e Gitonga.

**Quadro 2.** LM na Escola Secundária Samora Moisés Machel

LM	Falantes
Português	35
Ndau	2
Sena	5
Changana	2
Gitonga	1

### 5.3 A aplicação do questionário e resultados

Em nossa pesquisa, pedimos aos alunos que realizassem uma tarefa metalinguística, a saber escolher uma forma pronominal para as sentenças escolhidas<sup>26</sup>. O comando usado e as sentenças trabalhos são apresentados abaixo:

Escolha a alternativa correta.

1. Ajudei-..... a fazerem o trabalho de casa.  
a) os b) lhes

2. "Matei-.... para não sofrer mais" disse o monstro da novela.  
a) a b) lhe

3. Tirei- .... do saco porque estava muito calor, senão apodreceria.  
a) a b) lhe

4. Amiga, conserve-... muito bem, era da minha amada mãe.  
a) o b)lhe

5. Li-...ontem, mas não terminei, a obra tem muitas páginas.  
a) o b) lhe

<sup>26</sup> Embora na coleta de dados tenhamos trabalhado com dois questionários que tinham as mesmas perguntas de seleção, a diferença era que um tinha também questões de reflexão sobre objeto direto e indireto e respetivas pronominalizações, optamos por trabalhar, neste artigo, com dados de um só questionário. Ignoramos, também, as conversas gravadas, pois nos focamos na escrita e não no discurso oral.



Na ESSMM, comparando com a ESD, há uma maior tendência para selecionar o pronome preconizado pela norma do PE. No que diz respeito à relação do pronome *lhe* com objeto com traço [+humano], nas duas escolas, notamos certa arbitrariedade, como mostra o resultado do verbo “conservar” e “tirar”, ambos selecionam OD com traço [-humano], porém, no verbo “conservar”, o número de uso adequado, de acordo com o PE, é elevado em relação ao verbo tirar. Vejamos alguns exemplos:

- (a) Li [sno livro]. (PE)**  
 (a') Li-o. (PM) (PE)  
 (a'') Mina ndzi [PRONGui]gondzile. (Xitswa)  
 (a''') Ndaca [PRONri]erenga. (Ndau)  
 (a''''') Ndaca [PRONi] werenga. (Sena)
- (b) Vi [sno Paulo]. (PE)**  
 (b') Vi-o. (PE)  
 (b'') Vi-lhe. (PM)  
 (b''') Mina ndzi [PRONmu] wonile. (Xitswa)  
 (b''''') Ndaca [PRONmu] ona. (Ndau)

Nos exemplos acima, apresentamos dois verbos que regem um OD, ou seja, que subcategorizam um SN- Ver: [- SN]; Ler: [-SN], mas apresentam pronomes diferentes, situação comum nas LB. Esta situação deve-se ao facto de um objeto ser [-humano], que é o livro, e de outro ser [+ humano], que é o Paulo, podemos verificar que os falantes subcategorizam de forma diferente, tanto que a diferença de uma escolha para a outra é distante.

Relativamente ao verbo conservar, este não se difere da pronominalização do verbo tirar (quando pede um OD com traços [-humano]) para os falantes do PM, porém apresenta resultados completamente diferentes, mostrando, deste modo, uma certa arbitrariedade, ora vejamos:

- (c) [sv[vConservar] [SN[DETos] [Nlivros]]] [...].**  
 (c') [...] [vConserve]-[PRONOS]. (PM)  
 (c'') [...] [vConserve]-[PRONOS]. (PE)  
 (c''') Inini ndacar<sup>ing</sup>warira. (Ndau)
- (d) Tirar o peixe. (PE)**  
 (d') Inini ndacavisa hove. (Ndau)  
 (d'') Eu tirei-o. (PE)  
 (d''') Eu tirei-o. (PM)  
 (d''''') Inini ndacar<sup>iv</sup>isa. (Ndau)

Como podemos notar nos gráficos, os verbos que aparecem com maior número de uso adequado, de acordo com a norma do PE, são “ler”, “conservar” e “pedir”, estes primeiros dois verbos apresentam estes resultados porque selecionam um OD com traço [-humano], o que faz com que escolham o pronome *o* para substituí-lo. O verbo “pedir” seleciona um OI com traço



[+humano], devendo ser substituído pelo pronome *lhe*. Já os verbos “ver”, “ajudar” e “convidar”, que selecionam OD com traço [+humano], são aqueles em que os alunos mais tendem a usar o pronome *lhe/lhes*. Distintamente, o verbo “tirar” cujo objeto apresenta traço [-humano] tem um número baixo de seleção compatível.

## 6 Considerações finais

De acordo com os resultados obtidos, a tendência foi diferente nas duas escolas, tendo a ESSMM um número maior de seleção congruente com a norma europeia, o que se pode dever ao fato da ESD ter um maior número de inquiridos com uma LB como LM, e como já referimos, na LB o pronome que se refere à objetos [+humano] não varia, independentemente de ser OD ou OI. Por outro lado, não descartamos a hipótese desta arbitrariedade se dever ao fato do *lheísmo* estar já fossilizado no PM, muito em parte devido à miscigenação entre a gramática emergente do PM e a do PE (Gonçalves, 2013). Sendo assim, afirmamos que há sim influência das LB na forma como os falantes de PM pronominalizam, pois, nestas línguas, a seleção de pronomes do OD e OI obedece a outros critérios, diferentes dos que se verificam na LP, visto que os pronomes são selecionados de acordo com a classe de nomes que eles substituem. Desta forma, transferir essa forma de distinção para a LP provoca dificuldade na distinção do uso de ambos os pronomes. Aprofundando esta questão, constatámos que, de uma maneira geral, os nossos inquiridos associaram o pronome *lhe* a pessoas, independentemente de desempenharem a função de OD ou OI, e o pronome *o* a objetos com traços [-humano]. Esta constatação vai ao encontro do que alguns teóricos (Gonçalves, 2011, 2013) já tinham avançado em relação ao fenómeno de *lheísmo* no PM.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa; XAVIER, Maria Francisco. **Sintaxe e Semântica do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHOMSKY, Noam. **O Conhecimento da Língua, Sua Natureza, Origem e Uso**. Lisboa: Editora Caminho, 1994.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2ª Ed., Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1985.
- DIAS et al. O Parâmetro do Sujeito Nulo em Aprendentes do Português em Moçambique. In: DIAS et al. **Português Moçambicano**. Estudos e Reflexões. Maputo: Imprensa Universitária, 2009.
- FONSECA, Joaquim. **Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português**. Porto: Porto Editora, 1993.
- GONÇALVES, Perpétua. **Perguntuguês: Convidei-o ou Convidei-lhe?**. Maputo, 2011. Disponível em: [http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/Perguntugues\\_convidei-lhe.pdf](http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/Perguntugues_convidei-lhe.pdf) Acesso em: 28 de Março de 2013

\_\_\_\_\_. O Português em África”. In: RAPOSO, E. et al (Org). **Gramática do Português**. Vol. 1, Coimbra: Fundação Gulbenkian, 2013.

HOUAISS, António et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

LANGA, David Alberto Seth. **Morfologia do verbo em Changana**. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 2012 (tese de doutoramento não publicada).

LOPES, Armando Jorge. **A Batalha das Línguas**. *Perspectivas sobre a Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo, Imprensa Universitária, 2004.

NASCENTES, Antenor. **Lheísmo no Português do Brasil**. Rio de Janeiro, Revista Letras, 2012. Edição original: 1960.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

MUTAKA, Ngessimo, M.; TAMANJI, Pius, N. An Introduction to African Linguistics. **Lincom Handbooks in Linguistics**, n 16. Munich: Lincom Europa, 2000.

*Recebido em junho de 2019.*

*Aprovado em setembro de 2019.*

*Publicado em setembro de 2019.*

## **SOBRE OS AUTORES**

**Beatriz Damaciano Paulo Chalucane** é mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com bolsa do CNPq. Possui graduação em Ensino de Português com habilitação em Francês pela Universidade Pedagógica – Moçambique (2014). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Trabalhou como professora voluntária no ensino básico do ensino bilíngue, especificamente com crianças do terceiro ano de escolaridade. Trabalhou também como professora estagiária de português no ensino médio, tendo trabalhado com adultos no curso noturno. Interessa-se por estudos que envolvam sociedade, cultura, língua e educação.  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7077-9078>  
E-mail: <mailto:biachalucane@gmail.com>

**Renato Miguel Basso** é doutor e mestre em Linguística pela Unicamp. Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Suas pesquisas se concentram na descrição de fenômenos linguísticos usando as ferramentas da semântica e pragmática formais. Pesquisa, principalmente, sobre a semântica do verbo e dos indexicais, entre outros temas, mas também tem interesse em linguística história e epistemologia da linguística.  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>  
E-mail: [rmbasso@gmail.com](mailto:rmbasso@gmail.com)